

Apontamentos Sobre a Arbitragem do Futebol

(extracto)

F. GAMEIRO PEREIRA

**APONTAMENTOS SOBRE A
ARBITRAGEM DO FUTEBOL**

LISBOA

1963

Dedico ao meu grande amigo e saudoso mestre, Tenente-Coronel Antônio Ribeiro dos Reis, este modesto conjunto de apontamentos sobre o futebol e a sua arbitragem, como prova do meu mais profundo reconhecimento pelos valiosos ensinamentos que me proporcionou e, ainda, pela consideração e elevada estima com que sempre me quis distinguir.

ÍNDICE

Prefácio	11
Algumas ideias sobre o Autor	13
Palavras do Autor	15
O Árbitro, os Jogadores e o Público	17
Algumas Imagens do Futebol Inglês	31
Carga e Obstrução	45
Equipas de Arbitragem. Sua constituição e preparação	67
Execução de livres. Advertência e seus efeitos	83
A Autoridade do Árbitro	95
A Arte de Arbitrar	109
Decisões do Curso da FIFA, efectuado em Florença, Itália	123
Bibliografia do Autor	141

PREFÁCIO

Tenho muito prazer em escrever o prefácio deste livro do meu amigo Gameiro Pereira, e faço votos para que o mesmo tenha uma larga circulação entre os árbitros e dirigentes ligados ao jogo do futebol, especialmente em Portugal.

Desde há muito tempo que Gameiro Pereira vem trabalhando, em estreita colaboração, com a Federação Portuguesa de Futebol e com a Federação Internacional de Futebol, num esforço de aplaudir, procurando contribuir para um maior aperfeiçoamento da arbitragem.

O autor deste livro tem-se devotado generosamente a tão árdua tarefa, proferindo palestras, escrevendo artigos, instruindo e demonstrando na prática o que se pode considerar essencial e indispensável a um bom árbitro.

Muitos árbitros em actividade têm beneficiado do seu devotado trabalho, assim como todos os que têm a seu cargo a responsabilidade da preparação dos Juizes de Campo, em especial no que diz respeito ao ensino das Leis, na certeza de que os árbitros, deste modo, possam vir a aplicá-las correctamente no terreno do jogo.

Na minha qualidade de Presidente das Comissões Executiva e de Arbitragem da Federação Internacional de Futebol, considero que este livro constitui uma valiosa contribuição para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da arbitragem.

Outubro de 1962.

Sir Stanley Rous, CBE., JP.

ALGUMAS IDEIAS SOBRE O AUTOR

Com a publicação deste livro, Filipe Gameiro Pereira presta um valioso contributo à causa do desporto, no que refere à arbitragem no jogo de futebol.

Discípulo dilecto do saudoso tenente-coronel António Ribeiro dos Reis, o nome forte português na Comissão de Arbitragem da F. I. F. A., Gameiro Pereira, firme da sua alta qualificação na matéria, continua a obra do seu mestre.

O autor está no auge da sua capacidade, no respeitante à causa da arbitragem do futebol — depois de tantas e tão valiosas provas por si dadas, quer na prática no campo, quer na orientação interna como dirigente da maior classe, quer, ainda, pelas suas conferências em cursos internacionais, como conferente, e pela distinção que acaba de lhe ser conferida, a de Instrutor da FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL ASSOCIAÇÃO (F. I. F. A.) no sector da arbitragem.

Figura excepcional, em todo o mundo do futebol, no estudo dos fundamentos da arbitragem do jogo, Gameiro Pereira bem confirma a oportunidade do seu livro com a escolha que fez da matéria que apresenta, tirada ela dentre tanto trabalho que tem realizado sobre o assunto.

Bem se compreende que a Imprensa inglesa, espanhola e portuguesa, assim como o jornalista madrilenho Ramón Melcón, antigo árbitro de muita categoria internacional, o Comité Cen-

tral da Arbitragem de Espanha e a própria F. I. F. A., a essa matéria se tenham referido com o maior relevo e aplauso.

O livro merece, de facto, a melhor aceitação, com a certeza da sua enorme utilidade para o futebol português. É escrito por quem está qualificadíssimo para até o valorizar com a sua assinatura.

Não duvido de que todos ficaremos gratos ao autor.

RICARDO ORNELLAS

Chefe da Secção «Desportos»
do «DIÁRIO POPULAR»

PALAVRAS DO AUTOR

A publicação deste desprezioso livro, que não tem outra finalidade que não seja a de dar uma modesta achega ao futebol, através de uma arbitragem mais consentânea com as necessidades do jogo moderno, só foi possível porque a Direcção da Federação Portuguesa de Futebol nos quis honrar com tão alta distinção.

O conjunto de apontamentos contidos neste livro resultaram de estudos, mais ou menos baseados em factos verídicos, quer no campo nacional, quer além fronteiras, alguns dos quais foram presentes à discussão em reuniões ou Cursos efectuados em Espanha, Suíça e Grã-Bretanha, em representação da F. P. F., o que aliás, ocorreu com regularidade, durante 10 anos, ou seja entre 1948 e 1958 e, mais tarde, por incumbência directa da Comissão de Arbitragem da F. I. F. A.

Desejamos acrescentar que uma única finalidade nos impôs o trabalho que temos vindo a desenvolver a favor da arbitragem em geral: cooperar na valorização do futebol lusitano, prestigiá-lo na verdadeira acepção da palavra e ajudar a manter a posição que ele hoje detém no plano internacional.

A tarefa não é fácil, antes, pelo contrário.

Todavia, animados como estamos e ainda porque dentro das funções que a F. I. F. A. nos outorgou, nos sentimos obrigados a manter uma actividade mais constante, procuraremos, apesar de tudo, dedicar ao problema da arbitragem o melhor do nosso esforço, embora saibamos que, aqui e além por motivos estranhos ao futebol, teremos de lutar com os mil imponde-

ráveis que sempre surgem, a quem quer trabalhar desinteressadamente.

Assim, como componente do quadro de técnicos da Comissão de Arbitragem da F.I.F.A. (Instructor, Leccionador e Conferencista), estaremos sempre à incondicional disposição de todas as entidades ligadas ao futebol, desde o Ex.^{mo} Sr. Director-Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar ao mais modesto Clube, na certeza de que, deste modo, procuraremos contribuir para o progresso da arbitragem nacional e, implicitamente, para a valorização de tão popular jogo.

A terminar, não queremos deixar de aqui manifestar o nosso mais profundo reconhecimento à Direcção da F. P. F. pela sua iniciativa de mandar editar estes breves e modestos apontamentos, dando, deste modo, seguimento a tão útil série de publicações, iniciada com o brilhante trabalho do Ex.^{mo} Sr. Dr. João da Silva Rocha, contido no seu livro «Medicina Desportiva».

O AUTOR

Extracto do Texto

“... O futebol, um desporto por natureza excitante, possui, sem dúvida, uma história bastante curiosa, digna até de a ela nos referirmos com maior largueza, mas que a falta de tempo nos impossibilita, dado que não queremos deixar de frisar outros factos de interesse e que dizem respeito ao futebol contemporâneo.

Os primeiros sintomas da existência do verdadeiro futebol verificaram-se nos primeiros anos do século XIX. Todavia, [o professor H. A. Giles](#), da Universidade de Cambridge, durante as suas buscas, conseguiu reunir elementos comprovativos de que o mesmo já existira na China, muito antes de Júlio César que trouxe o seu jogo chamado [HARPASTUM](#), para a Grã-Bretanha. Documentação chinesa atribui a certo Imperador amarelo (isto no seu período), a existência do futebol como parte do treino militar daquela época. Verificou-se isto na dinastia de Han, há cerca de dois mil anos. A citada história, refere-se a um jogo chamado [TU CHU](#) cuja tradução nos dá o seguinte: TSU, significava dar um pontapé, e CHU, uma bola feita de couro.

Existiam então duas formas diferentes de praticar o futebol. O primeiro jogava-se no dia do aniversário natalício do Imperador e os dois grupos defrontavam-se sempre em frente do Palácio Real. Duas varas de bambú, com cerca de 9 metros de altura, eram colocadas no terreno de jogo, as quais eram ornamentadas com bonitas fitas de seda. Entre as duas varas era colocada uma rede de seda, no meio da qual existia um buraco, com cerca de 30 cm de diâmetro, por onde os jogadores procuravam introduzir o esférico. Eram então estabelecidos vários prémios, mas, em contrapartida, o «capitão» dos vencidos era humilhado publicamente.

Os jogadores que mais se destacavam tinham sempre facilidades na sua carreira, e um, por exemplo, foi promovido a general do exército do país, dada a sua alta categoria de futebolista. Outro, que perdera um olho durante um jogo, como indemnização, foi nomeado para um alto cargo do Ministério das Obras Públicas.

A outra forma de jogar, consistia em, segundo a expressão então usada, «a bola nunca deve abandonar o pé, assim como o pé nunca deverá abandonar a bola», isto é, o jogador devia manter o esférico a saltar sobre o pé, defendendo assim a sua posse. Constituía isto, ao tempo, o sistema de «dribling».

No Japão também se praticou um jogo chamado [KEMARI](#) o qual se jogou durante 14 séculos, tendo o terreno de jogo 14 metros quadrados. Em cada canto era plantada uma árvore de espécie diferente e o número de participantes no referido jogo era de oito. O jogo consistia em passarem a bola uns aos outros, sem paragens. Em Itália, o medieval jogo florentino chamado Calcio, palavra ainda hoje usada pelos italianos para designarem o futebol, jogava-se na Piazza Della Signoria, em Florença, duas vezes por ano. A primeira no primeiro domingo de Maio e, a segunda, a 24 de Junho, dia de S. João Baptista, patrono daquela cidade.

Pode dizer-se que o Calcio, para os italianos, é um jogo histórico, poquanto, em 1530, a cidade era duramente atacada por forças imperiais, jogando no entanto a nobreza debaixo do fogo dos atacantes. No dia do jogo, era feriado em toda a cidade e o comércio fechava. Constituíam-se dois grupos, brancos e encarnados, cada um dispondo de 27 jogadores, dos quais 15 eram avançados e os restantes defensores da baliza que tinha a largura do campo do jogo.

Há dúvidas se o futebol jogado na Grã-Bretanha tem origem no romano HARPASTUM ou

no grego [EPISKYROS](#). O que não há dúvida é que séculos antes de aparecer o «cricket» e os desportos náuticos, o povo havia adorado o futebol.

Por o julgarmos oportuno, resolvemos incluir neste modesto trabalho, um extracto do que escrevemos em 1949 sobre o Curso que frequentámos em Londres.

O futebol na Grã-Bretanha, data segundo a tradição, do ano 55 A.C., quando as legiões imperiais comandadas por Júlio César, conquistaram a Inglaterra.

Segundo a documentação oficial do Século II, na altura em que se começou a povoar a ilha de [Purbek](#), ao sul da Inglaterra, foi atribuída a cada habitante certa área de terreno, usando-se o seguinte processo para limitar a respectiva área: No local onde se começava a contar a distância, era colocada uma bexiga de porco cheia de ar, e, então, era convidado o candidato à posse do terreno a dar-lhe um pontapé. O terreno compreendido entre o ponto de partida e o local onde parava a bexiga, ou seja, o espaço por ela percorrido, era atribuído ao chutador. O testemunho dessa documentação encerra, sem dúvida, a antiguidade deste desporto na Grã-Bretanha.

Jogou-se depois nas ruas, mas acabou por ser proibido em virtude dos muitos inconvenientes e das lutas acesas a que dava lugar.

Mais tarde, praticou-se nos caminhos, entre as localidades, tendo por terreno de jogo o caminho que ficava entre as mesmas. O jogo tinha o seu início num ponto equidistante das localidades contendoras, geralmente perto de uma taberna e cada grupo devia fazer todo o possível por levar a bola, usando todos os meios ao seu alcance, à praça principal da localidade adversária. Em 1691, o futebol era tão popular que nem o genial William Shakespeare pôde evitar a sua influência, posto que, na sua obra «A Comédia das Equivocações» destinou a um dos personagens a seguinte expressão: «Corro para vós de tal maneira que me havia tomado por futebol, passando-me assim de um ao outro. Vós lançais-me daqui e ele lança-me de lá. Se isto continua assim, o melhor é mandar-me forrar de couro.»

Ainda na mesma época, no seu livro «Anatomia das Almas» afirmou Stubbs: « O futebol é um passatempo diabólico, jogo sanguinário e mortífero, mais que desporto amistoso, pois os jogadores sofrem fracturas de pernas, perdem olhos e nenhum praticante consegue sair do campo sem feridas.»

Por ser um jogo desumano e criminoso, o rei Carlos II de Inglaterra, proibiu-o no Século XVI, ao mesmo tempo que fazia sair um decreto pelo qual declarava punível com prisão e encarceramento quem praticasse tão criminoso desporto. Mais tarde, nos fins do Século XIX, reiniciou-se a prática do futebol mas sob certas regras, nos pátios dos Colégios e Universidades.

Até 1863, contava cada colégio, universidade ou clube, com leis próprias. Existiam então seis regulamentos distintos, posto que cada um elaborava o seu, sempre de acordo com as dimensões do terreno ou pátio com que contava para jogar. No Colégio de Rugby, que era onde se praticava mais futebol, existiam regras diferentes. Entretanto, é justo salientar que, acima de tudo isto, observava-se um amplo e alto espírito desportivo, visto que se mantinha em todas as instituições escolares o especial cuidado de não se tirar vantagem de sistemas ilegais. O jogo continuava a despertar entusiasmo e assim, a 26 de Outubro de 1863, na célebre [taberna de Freemason](#), 8 clubes e 4 colégios, reunidos em Assembleia Geral fundaram a [Football Association](#), a que nós chamamos Federação Inglesa, tendo eleito três nomes históricos do futebol inglês: [Pember](#), [Morley](#) e [Cambell](#)”

Nota: O texto está escrito com a ortografia usada na altura

FICHA PESSOAL DO AUTOR

Árbitro Regional (C. D. A. L.), de 1934/35 a 1941/42.
Árbitro Nacional (C. C. A.), de 1941/42 a 1949/50.
Secretário da C. C. A., de 1950/51 a 1952/53.
Presidente da C. C. A., de 1953/54 a 1957/58.

Nomeado, em 1962, membro do quadro de técnicos, da Comissão de Arbitragem da F. I. F. A. e, ainda, seu Delegado Técnico (Inspector).
Nomeado, em 1962, Secretário do Departamento Técnico, da F. P. F.
Representante da F. P. F. (sector de arbitragem) nas Reuniões, Cursos e Congressos que tiveram lugar nos seguintes locais:

LONDRES	1948 — I Congresso Internacional da Arbitragem.
GLASGOW	1951 — Palestra na Associação dos Árbitros de Glasgow.
MACOLIN	1952 — Curso de Arbitragem organizado pela F.I.F.A.
LONDRES	1953 — Representante de Portugal no Rally Anual da Arbitragem Inglesa.
HORSHAM (Sussex)	1953 — Palestra no Queen's Hotel, de Horsham, a convite da Sussex Referees Association.
MADRID	1953 — Palestra no IV Curso do Comité Nacional de Árbitros, da Real Federação Espanhola de Futebol.
LONDRES	1954 — Reunião dos Árbitros ingleses.
SAN REMO	1955 — Reunião internacional de árbitros por iniciativa da Comissão de Arbitragem da Federação Italiana de Futebol.

- BOLONHA 1956 — Acessor técnico da F. P. F. à reunião efectuada por iniciativa da Federação Italiana de Futebol.
- MACOLIN 1957 — Palestra no Curso de Instrutores de Árbitros organizado pela F. I. F. A.
- LUANDA 1958 — Organizador e Director do I Curso de Instrutores de Árbitros, por iniciativa do Conselho Provincial de Educação Física.
- MACOLIN 1959 — Palestra no Curso de Arbitragem organizado pela F. I. F. A.
- LILLESHALL 1961 — Palestra no Curso de treino destinado a instrutores de árbitros da Federação Inglesa de Futebol.

Autor do livro «O que foi o Curso de Londres»